



Entrevista com

Fernando Freitas Fuão

Entrevista: Vicente Fonseca

Transcrição da entrevista: Andrielle Prates e Isabel Chiele Cony Marques dos Santos

Fotos: Ramon Moser e Fernando Freitas Fuão (arquivo)

Revista da Extensão: Vamos começar falando da tua trajetória. A tua formação foi na Universidade Federal de Pelotas, certo?

Fernando Fuão: Isso. Essas coisas já me parecem muito distantes. Eu me formei em 1980 na UFPEL, no início do curso de Arquitetura de lá. Muitos professores que davam aula por lá tinham se formado aqui na UFRGS. Era um pouco o pessoal da ala esquerda que foi para lá em busca de trabalho. Muitos professores aqui da Arquitetura já tinham sido expurgados. Então, aquela formação de curso, embora precária, tinha uma grande base política. Isso me ajudou muito, me constituiu, alicerçou toda a minha trajetória posterior. Tenho o orgulho de ter recebido o diploma pelo Demétrio Ribeiro. Nasci lá, sou pelotense de raiz, e fiquei por muito tempo em Pelotas. Dei aula por dois anos, e depois fui pra Espanha, em 1987. Voltei num período muito entusiástico aqui, de conflito, e fiquei completamente “chocado”. Vim diretamente dar aula no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, e fiquei como recém-doutor um tempo. Cheguei na UFRGS em 1992, mas foi em 1995 que eu ingressei oficialmente. Então, comecei a dar aula aqui. Naquele tempo, a gente não questionava muito as questões políticas dentro da arquitetura.

Revista da Extensão: O período pós-Constituinte...

Fernando Fuão: Foi um período muito tranquilo

economicamente, com a entrada do Plano Real... Mas, dentro da Arquitetura, eu comecei a me incomodar com alguns temas de projeto arquitetônico. Comecei a me dar conta de que não se tocava em temas sociais; a gente trabalhava muito em centro cultural, reestruturação de pequenos espaços urbanos, praças, reciclagem de prédios históricos... E eu, praticamente, não conhecia nada da periferia de Porto Alegre. Hoje eu digo: dois terços da nossa Capital é periferia e um terço é cidade oficial, “figurativizada”. Aí, nessa época, lá por 2002, 2003, conheci uma ONG chamada CAMP (Centro de Assessoria Multiprofissional) e conheci o Pedro Figueiredo. Ele me convidou um dia pra ir aos galpões de reciclagem. E aí, foi uma “porrada” na minha cabeça. Eu acostumado a lidar e trabalhar com esse requinte estético que têm os arquitetos, a História da Arte, a Estética e também aquilo que hoje eu já chamo de “afetação” dos arquitetos (risos). Nessa época ninguém se interessava por esses temas, a não ser os movimentos sociais que estavam realmente ali, trabalhando naquilo. Isso foi um choque muito grande pra mim. Resolvi tomar outro rumo dentro da Arquitetura, completamente dissociado dos temas e práticas de projeto arquitetônico no ensino, que vinham sendo praticados ali, voltados sempre para uma população classe média e/ou elite.

Revista da Extensão: E como foi o começo de sua trajetória na extensão?

Fernando Fuão: Logo depois disso, montei uma

pesquisa, chamada “Galpões de Reciclagem: um estudo tipológico e normativo”. A ideia era melhorar as qualidades de vida e de trabalho desses recicladores nesses galpões. Aí eu consegui duas bolsistas, a Camila Bernardelli e a Camila Rocha. Circulamos de galpão em galpão, passamos por vários, mas a gente se deteve num, que era o Galpão Profetas da Ecologia, coordenado, naquela época, pela Eliane Nunes Perez, e ali ficamos. Ficamos pesquisando, e, nesse meio tempo, a gente resolveu montar um projeto de extensão. A pesquisa não dá conta, e aí a gente resolveu fazer “pesquisação”, misturando pesquisa com extensão. Nesse mesmo momento, começamos, eu e os colegas, Julio Cruz, Douglas Aguiar e o Rufino Becker, que também estavam interessados nesses temas sociais, a colocar como temas de projetos arquitetônicos, como, por exemplo, os galpões de reciclagem, restaurantes populares, sede de associações de bairro...dentro do atelier de Projeto

7, que fica lá no cume da carreira. E aí começou praticamente a minha trajetória na extensão. A partir daí, a gente não parou mais, só nos “afundamos” nesse mergulho da extensão.

Revista da Extensão: Como era o trabalho no Profetas da Ecologia?

Fernando Fuão: Lá no Profetas, a gente ficou quase três anos, até termos algumas divergências com a coordenação, e nos afastamos. Foi um período muito frutífero para nós; o resultado disso foi uma pequena coleção chamada “Inscritos no Lixo”, que também é o nome de um *blog* que tenho (inscristosnolixo.blogspot.com.br). São três livros: “Memórias dos Profetas”, de Pedro Figueiredo; “Diários Messiânicos”, de Bruno Mello; e “*Lixivia (i)mundi*”, de Fernando Fuão. Nesse período, o Pedro, que trabalhava na ONG CAMP, foi morar num Galpão de reciclagem do Profetas da Ecologia



Galpão Profetas da Ecologia

2, e começou a montar um diário. Um dia ele me mostrou esse diário, e eu digo; “bah, isso aí é fabuloso”. E nesse meio tempo, sem eu saber, o Bruno da arquitetura, que participava também dessa ação, estava simultaneamente estudando uma disciplina da Antropologia e fazendo seus diários de campo da extensão. Algum tempo depois, ele me aparece com um material e pergunta: “Fuão, isso tem possibilidade de ser publicado?”. Eu disse que: “sim, tem possibilidade, mas no momento não vejo”. Isso já faz muito tempo e deixamos no *stand by*. Agora, no ano passado, com um esforço incrível da Sandra de Deus (Pró-Reitora de Extensão) e do DEDS, através da Rita Camisolão, conseguimos publicar esses três livros, foi muito legal e estão disponíveis gratuitamente na PROEXT. Mas o que eu quero dizer com isso é que, quando a gente estava no Profetas, a gente conseguiu juntar a visão do educador popular Pedro Figueiredo, escrevendo sobre o cotidiano do galpão; do Bruno, de fora do galpão, vendo e escrevendo por uma outra perspectiva; e a minha, mania de professor, sempre tentando levar para um conceito e teorização mais geral. Assim, conseguimos um resultado mais abrangente sobre uma experiência, o material se tornou denso, porque traduzia a realidade do cotidiano ali, em minúcias e filigranas.

Geralmente, os relatos de extensão ocultam muitos pequenos detalhes, porque não têm espaço para descrever isso, pois são formatados dentro da lógica da cientificidade, perdendo para a narrativa vivencial. Acho que se constituem uma referência para a extensão. Também montamos uma ação de extensão, baseada numa outra associação de catadores, à qual, também, o Pedro, me levou para conhecer. Era algo que nem se pode chamar de galpão; funcionava ali embaixo do Viaduto da Conceição, onde tem uma floricultura. Ali trabalhava o Matias, que era um ex-morador de rua; naquela época, ainda morador de rua. Ele morava e fazia reciclagem embaixo do viaduto, com um grupo de coletivo, os quais eram moradores de rua.

Revista da Extensão: Isso já era lá por 2006?

Fernando Fuão: É, deve ser em 2006. Acho que a gente começou em 2005 esse trabalho, oficialmente. O Matias é brilhante, ficamos encantados por ele. Digamos assim, nos apaixonamos um pelo outro. Ele me disse: “professor, eu tenho aqui uns estudos de arquitetura, quero montar uma comunidade”. E me apresentou um pequeno esboço, uma planta num papelão, de como queria constituir uma comunidade, que deveria ter um



Livros da coleção "Inscritos no Lixo"

edifício comum de moradas, e essas moradas, segundo seu desenho, tinham três hierarquias: privada, semiprivada e semipública, e pública. Ou seja, era um edifício, em que ele propunha que a maior parte das atividades que constituíam uma habitação, um apartamento, deveria ser coletiva. E desse coletivo de morada, ainda teria outra diferenciação, que seria o mais público, no qual, às pessoas do entorno que se relacionassem com essa comunidade de recicladores seriam oferecidos serviços de lavanderia, padaria, entre outros. Nessa época, estavam trabalhando comigo como extensionistas as atuais arquitetas Fernanda Schan e Michele Raimann. Também, nessa época, aconteceu um concurso da Caixa Econômica Federal, de habitação popular, e a Fernanda pegou a carona do projeto do Matias, a Associação Catadores Novo Cidadão, e elaborou o projeto, encaminhou para o concurso e ganhou o 1º prêmio da Caixa como estudante. Para nós foi muito legal isso, para ela também.

Revista da Extensão: O Matias tinha certo talento, então?

Fernando Fuão: Muito talento, muito talento. E, claro, os arquitetos entram nesse universo achando que podem resolver tudo com um projeto arquitetônico. Logo caiu a ficha que não se resolvia nada, quase nada, com projeto arquitetônico. Aprendemos com o Matias que havia coisas muito mais emergenciais que a arquitetura e seus projetos arquitetônicos, como a questão da saúde (todo mundo tinha HIV ou tuberculose), ou de que não tinham dinheiro pra transporte público, nem para pegar os remédios da Farmácia Popular; naquela época, não tinha a distribuição do coquetel. Não tinha comida mesmo! Aí, entrei em contato com a professora Ana Maria Dalla Zen, que é uma das lendárias figuras da extensão, isso porque o Matias tinha vontade de fazer uma revista de moradores de rua. Eu disse “puxa, quem é que eu vou procurar?”. E a Ana foi trabalhar conosco, e junto a Helenice Porcela, ficamos lá com o Matias, acho que um ano lá, trabalhando, muito legal essa experiência. Lembro-me até hoje da Jurema, uma



Simbolo Universidade na Rua

recicladora de olhos verdes, fantasiada de Papai Noel na festa de Natal promovida pelo Matias. Até o Fogaça apareceu por lá. O Matias dizia que um dos dias mais tristes para o morador de rua é a interminável noite de Natal, pois todos estão em suas casas comemorando com suas famílias, e os moradores de rua, afastados de todos seus entes queridos, então se veem na mais profunda solidão. Depois, a gente se afastou da Associação e do Matias. Quanto à Jurema e à Dona Hilda, outra recicladora, voltei a reencontrá-las posteriormente no projeto Universidade na Rua e na ação do Profetas da Ecologia, respectivamente. Nunca mais vimos o Matias, sei que andou pela Europa. Essa ação foi um desses projetos que estão perdidos no tempo, que a gente não conseguiu os objetivos que queria, e nem eles também. Mas a Universidade sempre ganha muito com essas experiências de extensão, é uma troca nem sempre simétrica, mas muito, muito forte.

Revista da Extensão: Quando foi que chegaste à conclusão de que apenas a pesquisa não daria conta de toda a necessidade que o teu trabalho foi adquirindo, à medida que ele foi se desenvolvendo?

Fernando Fuão: O galpão de reciclagem é um vício mesmo. Tu entras e parece que não consegue mais sair. Todas as pessoas que entram nesse

universo do lixo, seja por necessidade, ou através de colaboração, através de ONGs, ou academia, ficam atadas. O lixo tem uma atração, o processo da catação é uma relação que tem muito a ver com a questão da adição. Não é à toa que a catação, o crack e outras coisas estão interligadas... Porque é um fascínio que esse negócio dá, ao te debruçares sobre o lixo e começar a entender todo o processo de constituição da exploração do mundo que se dá na sociedade de consumo, do capitalismo. Se tens uma preparação prévia política, em seguida consegues montar toda essa cadeia. Todo esse pessoal que trabalha com recicladores e moradores de rua, como ONGs que estão há anos nessa vida, muitas delas não conseguem mais sair. A pesquisa não dá conta exatamente por isso, porque falta envolvimento com as pessoas, com o humano. Se vais fazer uma pesquisa, e comesças a analisar somente as questões objetivas materiais dos galpões de reciclagem, e te esqueces das relações interpessoais que estão atravessadas nesse galpão, logo percebes a fragilidade e falsidade da tua investigação. Tu observas que a questão não é só o projeto arquitetônico que soluciona, que há outras coisas por trás disso, podes até montar um projeto bem razoável, mas às vezes as relações que se dão dentro desse galpão acabam desestruturando tudo aquilo que tu montaste, perdendo a validade. Então, era preciso vivenciar mais esses galpões, conhecer mais o cotidiano dos recicladores, para que a gente conseguisse entender realmente a situação, ao ponto de se constituir numa pesquisa profunda até se chegar em alguma proposição. Numa pesquisa, em termos de viabilidade de financiamento, tu não podes passar um ou dois anos estudando um galpão, somente do ponto de vista arquitetônico. Não sei como, mas a gente ficou quase oito anos trabalhando em cima disso, permanecendo em três galpões antes de montar o *Manual de como construir e reformar um galpão de reciclagem* (CNPq, PROPESQ, PROEXT, PROEXT, FARGS, CAMP) disponível gratuitamente também no blog *Inscritos no lixo*. Era preciso vivenciar essas experiências, para poder entender o cotidiano efetivo desses galpões, o uso desses espaços, o modo de vida e produção dos



Imagem da capa do manual

recicladores e moradores de rua.

E a gente chegou num determinado momento, em que entendeu que não haveria uma resposta única para essa problemática dos galpões; então, optamos por algumas sugestões ou recomendações de melhoria dos galpões no Manual. Nos pautamos muito pelos resultados dessa pesquisa, que foi financiada pelo CNPq, pelos galpões já existentes e nossas vivências de extensão... Não tínhamos muito que inventar em termos de forma dos galpões, tínhamos, sim, que melhorar a lógica de produção e resolver problemas construtivos para melhorar os ganhos das recicladoras. Por exemplo, quando o Pedro Figueiredo nos levou no Profetas da Ecologia 1, e disse: “olha, tem um pequeno problema: o Profetas é um galpão que tem um mezanino e um banheiro, lá em cima, está vazando a água do vaso sanitário em cima do balcão da cozinha”. É simples! Só tem que ir lá... É isso.

Revista da Extensão: Esse é o tipo de situação que te chocou no momento em que tomaste

conhecimento da realidade?

Fernando Fuão: Foi chocante. Chegamos lá no Profetas, e uma das primeiras coisas que conseguimos realmente foi solucionar o problema do vazamento, mas logo começaram a aparecer outros problemas sérios. No antigo galpão, havia uma montanha de lixo; o local não tinha uma gaiola para colocar os sacos de lixo para fazer a separação. O caminhão do DMLU chegava e despejava tudo diretamente no chão, formando uma montanha de saco de lixo. Eles trabalhavam no esquema de mesas de separação, eram quatro trabalhando em cada mesa, e, em cada mesa, uma das recicladoras era encarregada de pegar os sacos para abrir em cima da mesa e começar a separação dos materiais; naturalmente acabavam por pegar os sacos que ficavam na parte superior da montanha de lixo. Claro, os sacos de baixo ficavam ali uma, duas, três, quatro semanas... Aí um dia resolveram limpar, fazer a limpeza do galpão. Quando chegaram na parte de baixo da montanha de lixo, tinha uma ratazana criada ali embaixo, saíam ratos para todos lados do galpão. Nunca tinha visto tantos ratos juntos, era uma gritaria e correria só (risos). Uma vez, a gente resolveu se aventurar a trabalhar na mesa de triagem, e ficamos, acho que um mês, só trabalhando nas mesas. Foi verdadeiramente a grande aprendizagem sobre a separação dos materiais (tetrapack, pp, pet...). Claro, a gente ia uma ou duas vezes por semana, uma situação muito cômoda para nós, ia de tarde, saía, fazia o expediente, digamos assim... Mas, nos primeiros dias, apareceram “quinhentas” coisas: na mesa, uma das recicladoras, ao abrir uma sacola, apareceu um gato morto; noutra, apareceram absorventes íntimos junto com os resíduos secos, e aí, então, entendemos a importância de separar corretamente os materiais. Foi uma experiência muito “porrada” para quem não está acostumado, para quem vive nesse mundo em que o belo não fede. O arquiteto é isso: a beleza não fede né (risos)... Ao contrário, ela é quase perfumada. E a gente foi indo, avançando nesse território da desordem, dos rejeitos e cacos. Essa experiência nos oportunizou a participar do Projeto Rondon (2016), no Acre,

na cidade de Manuel Urbano. Participamos, eu, a Camila Rocha e a Camila Bernadelli. Foi nessa época que conheci também o renomado professor Ivaldo Gehlen, que também participou do Rondon e nos auxiliou na formação de uma Associação do pessoal que trabalhava lá.

Revista da Extensão: A Universidade tem muita extensão que é feita “para dentro”, oferecendo serviços a pessoas que a procuram. Tu fazes uma extensão “para fora”: saiu dos muros da UFRGS para enxergar a realidade e poder atuar em cima dela, gerar conhecimento a partir disso. Qual a importância que tu vêς nesta extensão “para fora”, que vivencia realidades tão duras como as que vocês experimentaram?

Fernando Fuão: Bom, para nós ela já não é tão dura, é *soft and pad* hoje em dia (risos). E há uma demanda muito grande de alunos que vêm me procurar, porque querem trabalhar exatamente nisso. Houve um câmbio na mentalidade dos estudantes dentro da Universidade. Já não é o mesmo aluno de cinco ou seis anos atrás. O melhor, para o conhecimento, seria entender que não há um dentro nem fora, o fora está dentro e o dentro está fora, tudo dentro e fora ao mesmo tempo.

Revista da Extensão: Entre outros aspectos, tu atribuis essa mudança às políticas de cotas?

Fernando Fuão: Certamente. A política de cotas é uma dessas conquistas políticas que está trazendo um grande benefício para a Universidade... Esses trabalhos de extensão, hoje em dia, têm uma grande procura por determinado número de alunos, alguns são cotistas. Pouco tempo atrás, não havia tantos. Com o ingresso das cotas, a gente tem dentro da Universidade um potencial muito grande com relação a isso, o que é superimportante. Retornando ao assunto, a gente sai de dentro da Universidade para aprender e fazer a troca de saberes lá fora. E logo nos damos conta de que esse não é um caminho legal, se for uma via de uma direção só, de dentro para fora. A gente tinha de trazer os recicladores para dentro da Universidade

também. E aí começamos a fazer um “rebolado”, um “remeleixo”, para ver como poderíamos trazer a contribuição deles para dentro da UFRGS, e seguimos tentando até hoje.

Revista da Extensão: Em teu *blog*, abriste em dezembro do ano passado um questionamento neste sentido, perguntando por que a Universidade não abre cursos para os recicladores, e por que eles não fornecem cursos de reciclagem em troca. Seria mais ou menos isso?

Fernando Fuão: Sim. Começamos a perceber que quem entendia mesmo de reciclagem, separar o copinho, latinha, isso e aquilo, eram os recicladores. Há professores altamente capacitados para fazer isso também, mas é uma questão ética e política. Se aquele que está lá na base tem condições de fazer isso, com o apoio de professores, por que não trazer esse pessoal para fazer a capacitação e a organização da coleta seletiva dentro da Universidade? Alguns cursos forneciam materiais diretamente para os galpões. Quando saímos do Profetas, por conta de alguns conflitos ideológicos com o Irmão Antônio Cechin, fomos buscar refúgio no Galpão Rubem Berta, quando o finado professor Nilton Fischer trabalhava lá. Permanecemos acho que dois anos lá. Esse período foi muito frutífero também, e uma oportunidade ter convivido e aprendido com o Fischer, e toda trajetória de conhecimento de extensão que carregava. Decidi na época levar essa experiência também para a graduação, e colocar como tema de projeto arquitetônico a reforma do Galpão de Reciclagem Rubem Berta. Trabalhamos junto com o Fischer e a Maria Elizabeth Azevedo de Castro, ele tinha vários mestrandos e doutorandos trabalhando lá que nos ajudavam muito, como o Tiago Cargnin e o Vinicius Lousada. Fizemos muitos amigos recicladores e recicladoras lá, teria que nomear por justiça o nome de cada um deles aqui. A gente sempre procurava trazer os recicladores para dentro da Universidade. Era uma mão de obra: tínhamos de conseguir ônibus da UFRGS ou juntar dois ou três carros e depois levá-los de volta ao Rubem Berta, que não é um

local tão perto assim. Uma das grandes críticas que sofremos é que, quando a gente se afasta de lá, fica um sentimento de abandono por parte deles. É um sentimento muito ruim, muito, muito ruim, mas não podemos permanecer indefinidamente num galpão. Acho que o Nilton Fischer, neste sentido, foi exemplar: ficou praticamente toda a vida acadêmica dele, até o falecimento, por lá. Mas, para mim era difícil, pois eu estava nesse universo da pesquisa e não conseguia ficar tanto tempo assim. Foi aí que começamos a perceber a importância da Universidade para esse pessoal todo. Então eu comecei a me indignar com todo o processo, até de seleção para dentro de uma universidade.

Revista da Extensão: Em que sentido?

Fernando Fuão: Certa vez, em uma entrevista, o Rubem Alves disse que a maior justiça que se pode fazer para o ingresso em uma universidade não é por cotas, mas por sorteio. Aquela frase parecia um paradoxo, uma piada, mas, na verdade, é a única que daria possibilidades de qualquer um ingressar. Bastaria a pessoa querer. E aí a gente vai descobrindo todas essas potências que são esmagadas já quando nascem. O galpão fica na periferia, e tu começa a ver que aquelas crianças todas que estão na volta nunca vão chegar numa universidade, sequer concluir o primeiro ou o segundo grau, que logo, logo, aos oito ou dez anos de idade, já vão receber um dinheirinho do traficante para vender droga. É muito triste perceber essa realidade. É como eu digo para os alunos: a universidade pública tem compromisso, sim, com a realidade social. É inadmissível que só estudantes de classe média, média-alta e “alta-alta” ingressem na universidade. Ela é viabilizada não só por quem paga imposto, mas principalmente por aqueles que nem sabem que pagam imposto, ou por aqueles que nem pagam, mas já têm sua vida condenada. Estes estão na base da pirâmide que sustenta essa Universidade: eles pagam com o sangue da vida, reciclando, ou morrendo aos 17, 18 anos, pelo tráfico. Isso é uma forma de pagamento. O valor monetário precisa estar embutido nessa subjetividade. E eu acho um absurdo, digo isso para os meus

alunos. Essa faixa privilegiada vem para dentro das universidades públicas, que, felizmente, ainda são, em termos de produção, as melhores, para entrar na lógica produtivista. Formam-se e voltam a trabalhar para as classes dominantes. Para uma universidade pública, isso não faz sentido. Para uma particular, tudo bem, mas, numa pública, é inadmissível. Então a gente percebe certa contradição nessa base. Um dos nossos objetivos é trazer essas temáticas para dentro da Arquitetura, para que o aluno comece a vivenciar e tenha possibilidade de realizar alguma intervenção junto a essas comunidades. É o mínimo que podemos fazer, pois me entristece muito ver que não há nenhum retorno para essas populações.

Revista da Extensão: Chegaste a ver alguma evolução nos últimos anos a respeito disso?

Fernando Fuão: Pelo contrário. O cenário piorou muito. Mesmo durante os governos Dilma e Lula, de esquerda, quando tivemos alguns avanços com relação ao ingresso de estudantes, não tivemos retorno do conhecimento da universidade para esses problemas da realidade cotidiana. Como isso poderia ser feito? Primeiro, através da extensão. A extensão hoje em dia é tão ou mais importante que a pesquisa, exatamente porque a maioria das pesquisas não está interessada em trabalhar com esses setores nas margens da sociedade, mas sim com os interesses do pesquisador, que não são exatamente as prioridades sociais – em algumas áreas, são os interesses de empresas ou indústrias. É por onde entram alguns recursos para o financiamento dessas pesquisas. Mas ninguém, além dos organismos, dos órgãos públicos, CNPq, CAPES, FAPERGS, injeta algum dinheiro nas áreas de Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas. Mas, sem esses recursos, dificulta fazer extensão. Eles são superimportantes para podermos, através da extensão, capacitar os professores também. Para trabalharmos, entendermos como funciona a lógica do cotidiano dessas pessoas, leva alguns anos; no mínimo, vivenciando isso para entender. Acredito que os programas de pesquisa

e pós-graduação deveriam incluir a extensão como uma atividade. Agregar à pesquisa.

Revista da Extensão: Com uma nova formação...

Fernando Fuão: ...com uma nova formação. É o que eu digo sempre: cada vez que vou à rua, aos galpões, na Escola Porto Alegre (EPA), que é uma escola voltada aos moradores de rua, tenho a certeza de que começo a apagar toda essa minha formação. Hoje, eu já esqueci muitas coisas que aprendi na vida acadêmica e que alguns colegas julgam importantes em termos de arquitetura (risos), mas, em compensação, tenho outra formação, que sai da extensão e me dá conhecimento para passar isso na sala de aula, no ensino e na pesquisa, um conhecimento mais humano e não tão material, como o que é praticado na arquitetura.

Revista da Extensão: E até hoje muitos processos seletivos para professores não pedem projetos de extensão...

Fernando Fuão: Exatamente. Não há nenhum atrativo que leve eles à extensão, a não ser o amor que encontram por esta relação. São pessoas especiais. Quase todos os colegas que encontro na extensão são especiais. A gente se coloca num clube aberto, um clube de amigos dentro da extensão, de extrema parceria, pois são praticamente sempre os mesmos. Mas eu observei, nos últimos anos, que houve um aumento do número de professores na extensão, e isso é muito legal. Antigamente, a gente se reunia e conhecia praticamente todos, hoje já não é assim. Que maneiras, estratégias, podemos adotar para fomentar o aumento da extensão? Essa é uma pergunta que a Sandra vem sempre fazendo. O trabalho dela nos últimos anos é fabuloso. Sem desmerecer nenhum dos trabalhos anteriores, ela tem uma política mais enfática em relação à extensão. É uma grande batalhadora, circula por todas as unidades mostrando o que é extensão. É incansável.

Revista da Extensão: Voltando à questão do

urbanismo, no começo desta entrevista, tu falaste algo que me chamou muito a atenção: que Porto Alegre hoje é um terço cidade e dois terços periferia. É algo chocante constatar isso, não?

Fernando Fuão: Sim, mas não é só Porto Alegre. Todas as grandes cidades são mais ou menos isso: São Paulo, Rio de Janeiro... um terço é cidade consagrada, onde vive a classe média, média-baixa. Aí tu tens também a classe alta, que não se localiza mais dentro dessa cidade formal. Ela vai para uma outra periferia. Ela se afasta da cidade e do grande bolsão de miséria que cerca esse núcleo consolidado onde há toda a infraestrutura, calçamento, água, esgoto...

Revista da Extensão: Grades...

Fernando Fuão: ...grades... É a cidade cercada. E esse deslocamento, que a gente faz com relação à periferia, ultrapassa as muralhas da cidade consolidada e passa a entrar na outra cidade, nos dois terços que falamos antes. E há muitas cidades dentro dessa periferia. Brinco que a maioria dos professores não conhece (eu também não conheço) todas as vilas que constituem a Grande Porto Alegre, ou ao menos esse cinturão periférico. É muito difícil, mas quando se fala em urbanismo, a gente trata como se urbanista conhecesse toda a cidade, mas não conhece, não. Ele conhece de mapa, e do Google, e olhe lá, pois cada dia aparece uma vila nova. E trabalha com mapas, sempre estabelecendo normas de altura, zoneamento de usos etc. Mas não conhece a vivência do cotidiano das pessoas. Mas falávamos de hostilidade... No momento em que tu comesas com o fechamento de bairros como Mont' Serrat, Bela Vista, Moinhos de Vento ou Cidade Baixa, a pessoa da periferia não vem para a cidade. Um dos grandes choques que eu tive no início da extensão, foi perceber e escutar que muitas crianças da periferia nunca andaram de escada rolante num *shopping* ou num cinema. Não entram e nunca vão entrar. É difícil entender isso.

Revista da Extensão: E *shopping centers* são outros

fatores de fechamento da cidade, pois tiram pessoas das ruas...

Fernando Fuão: Sim, perfeito. Estamos falando de fechamento, né? Pois então: essas crianças nunca vão ter a experiência de andar na escada rolante também. Não que isso seja grande coisa, não é nada. Mas mostra essa zona de conforto e seletividade dos lugares que se estabelece na classe dominante.

Revista da Extensão: Alguns anos atrás ocorreram os “rolezinhos”, quando vários jovens de periferia foram a *shopping centers* de grandes cidades. Isso causou um grande desconforto...

Fernando Fuão: Sim! Tanto que agora eles proibiram a entrada de menores desacompanhados em *shoppings*. Encontraram uma estratégia para coibir isso. Aí vemos como já existe um *apartheid* dentro da nossa cidade. O que essa molecada faz na periferia sábado e domingo? Lá não tem pracinha, as ruas não tem calçamento, não tem onde brincar, o pai enxota de casa por estar brigando com a mãe, ou por estarem vendo televisão sem que a criança queira... então, em mais dois ou três anos, essas crianças já estarão no bar, traficando. Essa é a nossa realidade. E essa cidade cada vez mais se torna hostil, colocando grades e cercas em tudo, separando os bancos para moradores de rua não poderem deitar, colocando grades na frente de lojas e edifícios residenciais para não se deitarem; também, por exemplo, banheiros públicos... A gente vê ali na Avenida Salgado Filho, no Centro de Porto Alegre, milhares de pessoas que saem do trabalho e ficam esperando o ônibus, às vezes por uma hora, querem urinar e não têm onde. Precisam pedir, implorar para entrar em uma lancheria e fazerem suas necessidades. A gente está cada vez mais perdendo os equipamentos dos espaços públicos em benefício do privado, sempre com a desculpa “ah, não temos dinheiro para pagar a manutenção nem pessoas para trabalhar em banheiros públicos”, além de uma infinidade de coisas públicas. Hoje, a Europa está se dando conta da besteira que fez em privatizar tudo. Países como Espanha e Itália, que venderam tudo, privatizaram

tudo, e estão experimentando a perda do espaço público, que é de uma relevância altíssima.

Revista da Extensão: E ao restringir ainda mais o espaço dessa população, ela passa a reagir, aumentando ainda mais a turbulência, certo?

Fernando Fuão: Outro exemplo: o projeto de embelezamento da borda do Guaíba, perto da Usina do Gasômetro. Muito lindo. Ali havia muitos moradores de rua, pois era um espaço que estava em abandono, e eles usavam quase como residência. Tinha chuveiro, sanitário, churrasqueiras. Só que agora, com essa reforma, esse pessoal não vai ir mais lá, com certeza, vai ter repressão à permanência deles lá. É um processo de expulsão sempre. Não que a melhoria não deva ser feita, mas ela precisa ser feita pensando, também, nesse segmento da população, em como a gente pode integrá-los dentro dos demais segmentos. Outro exemplo: os espaços abandonados dentro da cidade podem ser utilizados com função social, inclusive os baixios dos viadutos que não são poucos nessa cidade: restaurantes populares, centros e postos de saúde para moradores de rua, pequenos centros de atendimento psicológico, enfim, uma série de alternativas. Isso sem falar na ocupação dos prédios públicos, de privados que ficam fechados, esperando especular o valor dos terrenos. É uma política muito cruel à que somos submetidos, e principalmente os pobres já desde o nascimento.

Revista da Extensão: Não poderíamos finalizar essa conversa sem que falássemos sobre o Universidade na Rua. O que dizer a respeito deste programa de extensão tão importante?

Fernando Fuão: É um programa do Edital PROEXT em 2015/16, em que concorremos e ganhamos com uma altíssima pontuação. Eu, a professora Themis Dovera da Silveira, da Enfermagem, e a professora Daniela Cidade, aqui da Arquitetura, montamos esse programa na tentativa de trabalhar com moradores de rua, para emendar naquele viés de levar não apenas a Universidade para a rua,

mas de trazer os moradores de rua para dentro da Universidade. O programa compreende três grandes ações: uma coordenada pela Themis, que é ligado à área da saúde pública, da redução de riscos e danos, e também da alimentação; e o “Cara na Rua”, coordenado pela Daniela. Este é um trabalho incrível: a gente comprou várias máquinas fotográficas e distribuiu para eles fotografarem a cidade. Eles fotografam, e a gente transforma em cartão-postal, imprime na Gráfica da UFRGS, e então eles vendem nas esquinas. São pequenas ajudas para eles viverem no dia a dia, coisa de um ou dois reais. Eles tiram dez reais num dia e conseguem a comida, basicamente isso, a mesma lógica do jornal “Boca de Rua”. Outro programa bem atrevido, que a gente montou se chamava “Filosofia com Moradores de Rua”, coordenado por mim. Em 2012 ou 2013, nós fizemos um primeiro seminário de Filosofia com moradores de rua, e, a partir disso, ficamos muito empolgados em fazer filosofia “com”. Temos um grande parceiro, o professor José Luís Ferreira, que era uma das lideranças da Vila Chocolate, ex-seminarista, ex-morador de rua e com uma forte formação filosófica. A gente circulou também por lá, na antiga Chocolate, na miséria da miséria, e montamos esse curso com apoio da Escola Porto Alegre (EPA), que nos recebeu para realizá-lo. A gente trabalhava Heidegger e o conceito de morar, o tema foucaultiano do vigiar e punir aplicado sobretudo aos albergues; a questão das disciplinaridades, o direito à felicidade do Conte-Sponville, também temas de gênero, raça, e muito enfaticamente a questão da domesticação humana. Foi muito importante esse trabalho. Quando a gente começa a trabalhar com morador de rua, entendemos que a casa não é a casa. A gente não mora em uma casa, nós é que somos a própria casa. Eu sempre digo que eles carregam a casa na própria mochilinha e se acolhem uns aos outros, dizendo algo como “tu não tens onde morar hoje? Vem morar comigo”, “mas onde moras?”, “ah, eu tenho uma lona lá no viaduto da Borges”. Isso não passa na cabeça da gente, pois para nós a casa tem de ser física. Mas o mais importante da casa é o ser humano que acolhe. ◀